

## **Feminismo e pós-feminismo no universo *chick lit*<sup>1</sup>**

**Marcela de Lima Ferreira<sup>2</sup>**

**Carla Patrícia Pacheco Teixeira<sup>3</sup>**

**Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE**

### **Resumo**

Apesar do termo ter, inicialmente, uma carga pejorativa, o *chick lit* se tornou um dos gêneros mais aclamados no mundo inteiro. Com mais de trinta subgêneros, a chamada literatura cor de rosa já conquistou milhares de pessoas, em especial mulheres, por mostrar protagonistas com histórias fascinantes e príncipes encantados contemporâneos. Com o objetivo analisar as obras *O Noivo da Minha Melhor Amiga* e *Presentes da Vida*, da autora Emily Giffin, que fazem parte do subgênero *wedding lit*, este artigo pesquisa o ponto de vista feminista através da autora Andrea Nye (1995), e do ângulo pós-feminista da autora Stephanie Harzewski (2011).

### **Palavras-chave**

Chick lit; feminismo; pós-feminismo; casamento; comunicação.

### **Mulher cor de rosa**

No ano de 1988, surgia o termo *chick lit*, no qual *chick* significa “mulherzinha” e *lit* é a abreviação da palavra “literatura”. O termo foi usado inicialmente de maneira pejorativa pelos alunos da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, para se referirem às aulas sobre literatura feminina. Porém, anos mais tarde, a expressão deixa de ser pejorativa para se transformar em um dos gêneros mais famosos do mundo. (HARZEWSKI, 2011).

A chamada literatura cor de rosa geralmente tem como protagonistas mulheres de 14 a 40 anos de idade e a maioria delas traz ao leitor histórias fascinantes, personalidades memoráveis e mocinhos descritos como príncipes encantados contemporâneos.

Os *chick lits* são divididos em mais de 30 subgêneros. Julianna Steffens<sup>4</sup>, do site brasileiro *Lost In Chick Lit*, tornou-se referência na literatura cor de rosa, pontuando alguns deles depois de pesquisar sobre o assunto. Entre eles estão:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 05 a 09 de setembro de 2016.

<sup>2</sup> Recém-graduada em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, possui graduação em Publicidade também pela Universidade Católica de Pernambuco.

<sup>3</sup> Doutoranda em Design pela Universidade Federal de Pernambuco, professora assistente II dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Jogos Digitais da Universidade Católica de Pernambuco e orientadora do trabalho.

- *Mom Lit*: Traz como tema a maternidade, desde a gestação até problemas com os filhos. Um exemplo é a obra de Allison Pearson, *Não Sei Como Ela Consegue*.
- *Teen Chick Lit*: Retrata a vida dos adolescentes em todos os aspectos. *O Diário da Princesa*, série de livros de Meg Cabot é um exemplo.
- *Lad Lit*: Revela o ponto de vista masculino sobre assuntos que fazem parte do universo feminino. *Desculpa Se Te Chamo de Amor*, do italiano Federico Moccia é um deles.
- *Glamour Lit*: Traz protagonistas ligadas ao mundo fashion. A série *Gossip Girl*, de Cecily Von Ziegesar, é um exemplo.
- *Mystery Lit* ou *Thriller Lit*: A série *Crepúsculo*, de Stephanie Meyer, é um exemplo do subgênero, que reúne elementos da literatura cor de rosa com suspense e mistério.
- *Single City Girl Lit*: Narra as histórias de garotas solteiras em grandes cidades. Carrie Bradshaw, protagonista de *Sex and the City* (2003), da autora Candace Bushnell, traz esta proposta com clareza.
- *Bigger Girl Lit*: Neste subgênero são retratados os dilemas das mulheres acima do peso. Bridget Jones, personagem da autora Helen Fielding, escreve sobre amores e impasses em seu diário.
- *Working Girl Lit*: Traz personagens focadas na carreira. Tem *O Diabo Veste Prada*, de Lauren Weisberger, como maior referência.
- *Historial Lit*: Retrata protagonistas que superam as barreiras impostas por determinado período histórico, como observado no livro *Pode Beijar a Noiva*, de Meg Cabot, que assina seus romances de época com o pseudônimo Patricia Cabot.

Além desses, existe o subgênero *wedding lit*. Ele conta as histórias das noivas e madrinhas, além dos preparativos da festa, os dramas e incertezas do casamento e a festa como ponto culminante da celebração do amor. A autora Emily Giffin tornou-se uma especialista no gênero quando escreveu *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005), apresentando o dilema da protagonista Rachel, que se encontra apaixonada pelo noivo de sua melhor amiga Darcy e *Presentes da Vida* (2011), que mostra Darcy tentando se reencontrar após ter sua vida completamente modificada com a notícia de que iria ter

---

<sup>4</sup> Julianna Steffens nasceu em Florianópolis, formou-se em Geografia, mas sempre gostou de literatura, o que a fez criar o *Lost In Chick Lit*, no ar desde 2008. O site foi pioneiro quando tratou do tema no Brasil, fazendo de Juliana uma referência no assunto.

um filho. Em ambas, a questão do casamento é bastante presente e a narrativa gira em torno do conhecido momento mais importante de toda mulher.

### **Na onda do feminismo**

A história do feminismo traz muitas batalhas e vitórias, sendo, acima de tudo, a luta pelos direitos antes direcionados apenas aos homens. Para mapear o movimento, o feminismo foi dividido em quatro fases, chamadas ondas, ilustrando o período e os importantes acontecimentos que ajudaram o feminismo a conquistar o que pode ser visto atualmente (SCIELO, 2003). A primeira se inicia no começo do século XIX, na Inglaterra, quando as mulheres se uniram para lutar pelos seus direitos, entre eles o voto. Próximo ao período, em 1922, no Brasil, é criada a *Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino*, cujo objetivo era a luta pelo direito ao voto e ao trabalho, sem que fosse preciso uma autorização do marido.

A segunda onda começa nos anos 1960 com o surgimento da pílula anticoncepcional nos Estados Unidos e, mais tarde, na Alemanha. Durante essa década, as norte-americanas discutiram sobre o poder do homem e da mulher e o feminismo começou a se consolidar como um movimento libertário (PINTO, 2010). No Brasil, na década de 1970, em um momento no qual a democracia passava por uma crise, o movimento ainda combatia pelos direitos trabalhistas das mulheres, além de lutar pelo direito ao prazer, contra a violência sexual e contra a ditadura militar.

Ainda no Brasil, em 1975, surge o *Movimento Feminino Pela Anistia*, tendo como principal proposta a denúncia contra as repressões do governo militar. Grande parte do grupo teve seus companheiros presos na época. O *Movimento* ainda lançou, naquele mesmo ano, o jornal *Brasil Mulher*, porta-voz do grupo. A terceira onda teve seu início dos anos 1990 e trouxe ao debate a invisibilidade das mulheres no campo da política, principalmente das mulheres negras, levando em consideração as particularidades das mulheres. (CARTA CAPITAL, 2014).

Mesmo conscientes de possuir os mesmos direitos dos homens, a quarta onda visa garantir às mulheres, em vários grupos, diversos objetivos com um mesmo propósito: igualdade. Um dos grandes protestos é a *Marcha das Vadias*, surgido no ano de 2011 no Canadá após um policial declarar que as mulheres parariam de ser estupradas se parassem de se vestir como vadias (SCIELO, 2014). Com a revolução da internet, as vozes femininas se

tornaram mais altas e claras, com campanhas como a *Chega de Fiu-Fiu*, lançada em 2013, pela jornalista Juliana Faria, pelo fim das cantadas ofensivas ouvidas nas ruas, além de outras reivindicações como a legalização do aborto e a maneira da qual as mulheres são representadas nos meios de comunicação (ÉPOCA, 2014).

Uma geração de mulheres famosas está à frente da nova onda feminista e ajudam as outras a compreender as lutas do movimento. Entre elas estão a cantora Beyoncé, a atriz Emma Watson, a escritora, roteirista e atriz Lena Dunham, a ativista Malala Yousafzai, conhecida por criar o *Malala Fund*, instituição que garante o direito à educação de meninas, e por ter ganhado o Prêmio Nobel da Paz (M DE MULHER, 2014).

### **Pós-feminismo**

Harzewski (2011) aborda o pós-feminismo em *Chick Lit and Postfeminism*. O termo foi inicialmente usado por um grupo literário de mulheres americanas, intituladas “Judy”, em 1919, que afirmavam estar interessadas na sociologia humana. O pós-feminismo neste contexto remonta uma era na qual foi comemorada a igualdade das mulheres na esfera pública (HARZEWSKI, 2011). A autora ainda traz uma visão mais específica do assunto, o conceito do pós-feminismo, ou seja:

Postfeminism maintains a more ambivalent view on independence than second-wave feminism and, in its most historically recent manifestation, is propelled by twenty- and thirtysomething women negotiating the tensions between feminism and femininity. Chick lit replicates in its formal structures and generic amalgamations the quandary of multiple and contradictory meanings confronted in a taxonomy of postfeminism<sup>5</sup> (HARZEWSKI, 2011 p. 168-169).

Harzewski (2011) também comenta mais sobre o assunto quando declara:

The semiautobiographical adventures of their protagonists – typically a single, urban media professional – provide an ethnographic report on a new dating system and a shift in the climate of feminism<sup>6</sup> (HARZEWSKI, 2011 p. 15-16).

Para Harzewski, os *chick lits* permitem uma discussão acessível sobre gênero e questões culturais. Quando trata de literatura, especificamente nos Estados Unidos, avalia

---

<sup>5</sup> O pós-feminismo traz uma ambivalência sobre a independência que a segunda onda do feminismo e é impulsionada por mulheres de vinte e vinte e poucos anos que negociam suas tensões entre feminismo e feminilidade. Os chick lits repetem essa combinação genérica do dilema e das milhares de contradições confrontadas em uma taxonomia do pós-feminismo. – Tradução do autor.

<sup>6</sup> As aventuras semibiográficas das protagonistas – tipicamente solteiras, profissionais de mídia – trazem um relatório etnográfico que fala sobre um sistema e uma mudança no clima do feminismo. – Tradução do autor.

que a área passa por uma fase de re-feminilização. Para as mulheres, os *chick lits* são uma espécie de experiência compartilhada, principalmente quando a narrativa é feita em primeira pessoa. Cita a professora de estudos cinematográficos da Universidade de Dublin Diane Negra, que diz que o pós-feminismo é “agradavelmente moderado”, contrastando com o conceito de feminismo: “rígido, sério, anti-sexo e anti-romance, difícil e extremista” (NEGRA apud HARZEWSKI, 2011).

Para compreender mais facilmente os pontos do pós-feminismo nos *chick lits*, Harzewski (2011) listou uma série de elementos, construindo uma tabela na qual estabelece o significado do pós-feminismo.

<b>Pré-Feminismo</b>	<b>Feminismo</b>	<b>Pós-Feminismo</b>
Cozinha	Marcha em Protesto	Consultório Psiquiatra
Camisas acinturadas	Ternos poderosos	Muito couro
Arroz branco	Arroz integral	Sushi
Donna Reed	Gloria Steinem	Madonna
I Remember Mama	My Mama, Myself	Deconstructing Mamma
Homem e Mulher	Mulher e Mulher	Homem/Mulher
Romântico	Heroico	Irônico

**Diferenças entre os períodos do pré-feminismo, feminismo e pós-feminismo (HARZEWSKI, 2011 p. 168).**

A autora identificou o que, para ela, foram características durante os períodos. No pré-feminismo, tem as mulheres com trabalhos domésticos, ligados à cozinha, com roupas acinturadas, padrões românticos, e modelos de mulheres que enalteciam a família, como o da atriz Donna Reed, cujo perfil da é de uma mulher arrumada, cabelos perfeitamente ondulados e cintura devidamente marcada. Ela foi protagonista dos clássicos *A Felicidade Não Se Compra* (1946) e *A Um Passo Da Eternidade* (1953). No pré-feminismo, Harzewski traz como *hobby* o filme *I Remember Mama*, no Brasil chamado *A Vida de um Sonho*, cujo enredo trata-se de uma norueguesa que luta para criar sua família nos Estados Unidos de 1910.

No feminismo, começam as marchas em protesto pela igualdade de gêneros, o uso de ternos e a postura heroica e independente do homem para a realização, pois o relacionamento também pode ser entre mulheres. Gloria Steinem, jornalista e ativista cuja

audácia e luta pela igualdade a levou até os bares da *Playboy* na década de 1960 e a série *My Mama, Myself*, que conta a história de uma mulher assombrada pelo espírito da mãe por conta da venda de uma propriedade da família, são exemplos de um período no qual as mulheres queriam avanços políticos e sociais.

Mas é no pós-feminismo, que a autora analisa estar presente nos *chicklits*, que se observa a mulher menos mobilizada pelas causas sociais e mais concentradas no conhecimento de si própria. Por isso o consultório de psiquiatria, a exaltação do poder feminino através do uso do couro e a presença de representantes como a cantora Madonna e o site *Deconstructing Mamma*, cuja autora conta sua vida como mãe de maneira divertida. As relações no pós-feminismo podem ser com homens ou mulheres e tem um caráter mais irônico e sofisticado.

Entendendo cada uma dessas vertentes propostas pela autora, pode-se observar melhor e mais especificamente sobre a literatura cor de rosa. Nela é possível identificar cada um desses pontos e entender o pós-feminismo de maneira mais simples. Enquanto no pré-feminismo a mulher vivia em função do homem e no feminismo, na luta por direitos iguais, as protagonistas pós-feministas podem viver um grande amor e sofrer por ele, trabalhar e se dedicar a uma carreira, cuidar da família e de seus filhos, ou, quem sabe, tudo ao mesmo tempo. No pós-feminismo o que realmente importa é o desejo das mulheres, envolto em uma narrativa irônica usada para deixar as coisas mais leves e, até mesmo, fazer rir das situações mais complicadas.

### **Solteirão X Solteirona**

Andrea Nye (1995) também fala sobre sexualidade e cita a obra de Beauvoir *O Segundo Sexo* (1967), comentando as diferenças entre homens e mulheres percebidas na sociedade. Nesse aspecto, é possível comparar os comportamentos das protagonistas Rachel e Darcy: “A mulher tem que fazer uma escolha: ou será agressiva e bem-sucedida ou será sexualmente atrativa; as duas coisas não são compatíveis” (NYE, 1995 p. 111). Rachel seria a mulher bem sucedida e Darcy, a sexualmente atrativa. Darcy, aliás, compara em *Presentes da Vida*, sua vida durante o período da faculdade com a de Rachel:

Enquanto ela se isolava na biblioteca ou ia trabalhar em um grande escritório, eu continuava a minha busca pelo *glamour* e pela diversão, aprendendo rápido que as coisas elegantes eram ainda mais elegantes em Manhattan. Descobri os clubes mais descolados, os melhores restaurantes e

os homens mais interessantes da cidade. E eu ainda tinha o cabelo mais bonito da cidade (GIFFIN, 2011 p. 11).

Ainda sobre sexualidade, Nye analisa a linguagem e como ela influencia na diferença de tratamento entre homens e mulheres. Enquanto um homem solteiro é cobiçado, chamado muitas vezes de “solteirão”, trazendo uma conotação de requinte ao posto, a mulher é chamada pejorativamente de “solteirona” (NYE, 1995). Essa é uma das preocupações mais frequentes de Rachel, pois no início da história ela se considera “solteirona” aos trinta anos de idade:

Eu não tinha planos de estar sozinha quando chegasse aos trinta, mesmo ao início dos trinta. A esta altura eu já queria ter um marido; queria ter ficado noiva na faixa dos vinte. Mas aprendi que a gente não pode simplesmente fazer um cronograma pessoal e desejar que se torne realidade. Então aqui estou eu, às portas de uma nova década, chegando à conclusão de que estar sozinha faz dos meus trinta anos uma coisa assustadora, e de que ter completado trinta faz com que eu me sinta mais sozinha (GIFFIN, 2005 p. 12-13).

Nye (1995) afirma também que chamar uma mulher de “solteirona”, indica seu fracasso no amor, em encontrar um marido e um bom casamento, e dá ao homem o poder de retirar a mulher desta situação, o que lhe permite indicar quem é um objeto de desejo. A mulher que não for, terminará seus dias sozinha.

O preconceito da sociedade em relação às mulheres que permanecem solteiras é analisado por Nye (1995). Enquanto a mulher é chamada pejorativamente de “solteirona”, o homem é empoderado, tem o controle da situação, sendo chamado de “solteirão”. Como se estivesse solteiro por apreciar a vida assim, enquanto a mulher vive uma condição de fracasso e tristeza, como se ninguém a quisesse.

O valor dado ao casamento e ao sucesso a ele relacionado está presente nos *chick lits*. Observa-se, no trecho abaixo, como Rachel – apesar de todo o investimento na carreira – ainda se cobra e sofre cobranças por estar solteira.

A esta altura eu já queria ter um marido; queria ter ficado noiva na faixa dos vinte. Mas aprendi que a gente não pode simplesmente fazer um cronograma pessoal e desejar que se torne realidade. Então aqui estou eu, às portas de uma nova década, chegando à conclusão de que estar sozinha faz dos meus trinta anos uma coisa assustadora, e de que ter completado trinta faz com que eu me sinta mais sozinha (GIFFIN, 2005 p. 13).

A mãe da protagonista sempre pergunta se ela conheceu alguém especial, sua melhor amiga afirma que ela é muito exigente e por isso está sozinha e suas amigas do tempo de colégio estão casadas e grávidas, não perdoando a sua “solteirice”:

- Rachel, alguma coisa em vista? – pergunta Tricia hesitante, como alguém que deseja saber o resultado de uma tomografia computadorizada. Estou pronta para responder um não bem firme, quando Darcy responde por mim.
- Toneladas – diz ela. – Mas nenhum cara especial. Rachel é muito exigente.
- Ela está tentando ajudar. Mas de alguma forma isso tem o efeito inverso e eu me sinto desabrochando como solteirona (GIFFIN, 2005 p. 178).

Citando Simone de Beauvoir, Nye (1995) afirma que toda mulher tem de escolher entre ser bem-sucedida ou sexualmente atrativa. No caso de Darcy, ela escolheu a segunda opção, pois a protagonista renunciou a uma carreira promissora em prol de viver uma relação de amor, exercendo sua sexualidade ao máximo.

Ao contrário dos homens, a subjetividade das mulheres é prejudicada por ter que desenvolver um papel frágil e passivo. Se a sexualmente atrativa tentar o papel de sedutora e conquistar o homem, o mérito não será dela, mas sim do homem, que pode adicionar mais uma vitória ao seu currículo (NYE, 1995). Apesar de Darcy ser apresentada como uma sedutora, é Marcus, padrinho de Dex e seu amante, que leva o título após rejeitá-la ao saber de sua gravidez:

- O que isso quer dizer?
- Quer dizer que eu não quero ficar com você e não quero ter um filho. Vou lhe ajudar financeiramente se insistir com essa gravidez, mas não quero...Me envolver – disse ele, aliviado. – De nenhuma forma.
- Não acredito no que estou escutando!
- Eu sinto muito – disse ele, sem demonstrar sentimento.
- Eu implorei. Chorei. Justifiquei. Prometi que iria mudar. E ele soltou o insulto final.
- Eu não estou mais a fim de você – e saiu do meu apartamento (GIFFIN, 2011 p. 149).

Pode-se concluir que Rachel decidiu ser bem-sucedida, pois ela optou por sua carreira, dedicando-se quase que exclusivamente ao trabalho. Não se importava tanto com sua aparência, mas sim com os resultados de seus estudos, afirmando que “não estava tomando um empréstimo de trinta mil dólares por ano só para arranjar um namorado” (GIFFIN, 2005 p. 39).

Nye (1995) afirma que as duas coisas não são compatíveis. No trabalho, a mulher não pode se vestir de maneira provocativa, pois assim os homens não a acharão atraente, facilitando seu trabalho com eles. Ou seja, a mulher neste caso, escolhe entre ser passiva e sexualmente ativa ou atuante e bem-sucedida.

### **A questão do casamento**

A relação do feminismo com o objeto de estudo, *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005) e *Presentes da Vida* (2011), tem como base Nye, com *Teorias Feministas e as Filosofias do Homem* (1995). A autora analisa um mundo dominado pela visão masculina, além de tratar de um dos temas recorrentes do feminismo, o casamento:

Se as mulheres são humanas, devem também, na lógica de Rousseau, ser livres. Devem ter o direito de escolher seu estilo de vida, seja em coisas relativamente superficiais como vestuário restritivo e ocultante ou em áreas mais polêmicas como o casamento e a sexualidade. Em vez disso, as mulheres estão limitadas à casa, condenadas às atividades repetitivas de criar filhos, visitar amigas e obras de caridade. (NYE, 1995 p. 33).

É possível observar essa estrutura feminista na personagem da mãe de Darcy que, apesar de ter orgulho da carreira da filha, não suportava o fato de ela ter se separado de Dex. Depois de iniciar um relacionamento com Marcus, julgado como mau partido, sua mãe considerou seu futuro ameaçado:

Marcus, por outro lado, estava longe de ser perfeito, mas ele tinha algo a seu favor: meus pais precisavam gostar dele. Eles teriam outra alternativa? Queriam ver sua filha de 30 anos sozinha? Eu sei que eles estremeciam só de pensar. Bem, esse fato deixou a minha mãe muito nervosa e se tornou um problema para o meu pai também. Minha mãe adorava saber que eu tinha um bom emprego e que ganhava muito dinheiro, mas ela sempre deixava claro que sonhava em me ver casada, com filhos, tendo uma vida confortável. Eu não iria tocar no assunto de novo. Meu trabalho poderia ser divertido, mas não era melhor do que uma massagem ou do que compras no shopping e almoçar num bom restaurante (GIFFIN, 2011 p. 127).

O trecho em destaque concentram três aspectos com os quais o movimento feminista tem lutado: o casamento visto quase como uma obrigação, resultando no fato da mulher solteira ser um problema; e o emprego, apesar de bom, sendo usado apenas como um acessório.

Darcy sofreu grande influência da mãe, para quem a vida se limitava ao casamento por interesse e status. Ainda hoje o matrimônio é algo imprescindível para as mulheres retratadas nos *chick lits*, e esse tema é tão presente que tem um subgênero chamado *wedding lit*.

Darcy, a propósito, tem a vida que sempre quis no início de *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005). Um bom emprego, um noivo bonito e inteligente e muitas fãs que a admiram. Jung (2000) identifica os arquétipos *anima* e *animus* como representações do oposto sexual do inconsciente de cada pessoa. Retomando o que foi explicado no capítulo anterior, *anima* (alma) é a representação da mulher no homem; *animus* (espírito) é a representação do homem na mulher. Eles atuam de forma diferente. A *anima*, no homem, se desenvolve por meio dos modelos femininos com os quais o indivíduo teve contato. O *animus*, na mulher, acontece por meio de situações ocorridas durante a vida. Ambos baseiam-se em questões pessoais, experiências de vida e, principalmente, nos modelos filiais.

A presença do *animus* na mulher, leva-a a tomar atitudes ditas do universo masculino: “rígido, cheio de princípios, legalista, dogmático, reformador do mundo, teórico, emaranhando-se em argumentos, polêmico, despótico” (JUNG, 2000, p. 129). O autor ainda afirma que se a mulher se deixar dominar pelo *animus*, sua vida afetiva será prejudicada, já que deixou de ser sensível para se tornar controladora.

No âmbito dos relacionamentos, em especial no casamento, a mulher tende a possuir o mesmo problema do homem e projetar suas expectativas no parceiro. Neste caso, o modelo ideal é retratado pelo pai. Em *Presentes da Vida* (2011) Darcy deixa claro que escolheu Dex não só por amor. Ela fazia questão de se enquadrar no perfil da mãe buscando encontrar alguém como seu pai:

Eu só precisava fazer um bom casamento, assim como a minha mãe. Ela não era um gênio e não tinha terminado mais do que três semestres na faculdade, mas seu rosto bonito, seu corpo delicado e seu gosto impecável conquistaram o meu inteligente pai, um dentista, e agora ela tinha uma vida boa (GIFFIN, 2011 p. 11).

O modo pelo qual Rachel e Darcy veem o relacionamento dos seus pais influenciou de maneira decisiva na maneira de ver Dex. Para Darcy, ele tem prestígio, boa profissão, aparência e inteligência. Ela acredita que este é o tipo de homem a ser chamado de “príncipe encantado”:

Eu sabia que ele gostava de ópera, que resolvia qualquer palavra cruzada do *Times* e que pedia um bom vinho do Porto após o jantar. Juro que

percebi tudo isso no nosso primeiro encontro. Sabia que ele era o meu parceiro ideal, o sofisticado homem da Costa Leste que eu precisava para criar, em Manhattan, uma versão da vida da minha mãe (GIFFIN, 2011 p. 31).

Já Rachel acaba enxergando em Dex um homem simples, com uma vida tranquila. Baseia-se em seus pais, cuja relação é cúmplice e amorosa: “há algo reconfortante na mesmice da interação deles” (GIFFIN, 2005, p. 170). Assim, entende a felicidade em pequenos gestos e momentos proporcionados por Dex:

- Vamos cozinhar juntos na sua casa. A gente nunca fez isso.
- Está bem, mas...Eu não sei cozinhar – confesso.
- Sim, você cozinha.
- Não, sério, eu não sei.
- Cozinhar é fácil – diz ele. – Você simplesmente pega o jeito à medida que faz.
- Sorriso.
- Isso eu sei fazer (GIFFIN, 2005 p. 344).

Ainda na questão do casamento, Nye (1995) mapeou opiniões sobre o tema justamente quando o voto feminino estava em pauta. O conjunto de ideias masculinas fortalece a premissa de que o papel da mulher não era trabalhar, mas sim dedicar-se inteiramente ao casamento, à família e ao lar. Como exemplo, cita o reformador norte-americano Thomas Went Worth Higginson (1882), que mesmo defendendo o direito feminino ao voto, sustentava a importância do casamento, justificando que as mulheres não podiam ser comparadas aos homens, pois além de serem diferentes, possuíam o dom da maternidade.

Consideradas mais fracas e sensíveis, poderiam, para Higginson, ter direito ao voto, mas não deveriam abandonar os seus deveres com o lar, a família e o casamento. Assim, as mulheres casadas não poderiam trabalhar, função exclusiva do marido. Tem-se, portanto, a mulher submissa, com a ilusão de uma participação mais ativa na sociedade a partir da defesa de um número restrito de direitos. Stuart Mill (1895) possuía posição semelhante à de Higginson: “o lugar adequado para a mulher é de companhia educada a seu marido” (NYE, 1995, p. 33).

Os homens, dizia Rousseau, tinham um direito natural a obter tudo o que quisessem; os homens, dizia Bentham, eram motivados só por aumentar seus prazeres e posses. Não cabia às mulheres competir com homens como empresários ou participar nos violentos confrontos entre trabalhadores industriais masculinos e os capitalistas, nos quais as primeiras organizações trabalhistas tentavam obter desta maior parcela dos lucros (NYE, 1995 p. 34).

Tem-se, portanto, na literatura cor de rosa, o casamento como tema presente e rentável, assegurando sua importância como elemento que valida a condição “bem-sucedida” da mulher:

This subset, often called “bride lit” or “bridezilla lit,” combines wish fulfillment with astute social observations on the wedding industry, estimated in the United States by the Condé Nast Bridal Group at \$83 billion dollars annually<sup>7</sup> (HARZEWSKI, 2011 p. 192-193).

Os *chick lits*, afirma Harzewski (2011), trabalham com a ideia de que o casamento confirma e contesta, ao mesmo tempo, os ideais feministas. Ou seja, as personagens femininas negociam seu valor no enlace, mas não se tornam capitais transferíveis. Segundo a autora, a literatura cor de rosa constrói uma mensagem mista, do casamento sendo visto como mercadoria mas, ao mesmo tempo, exaltando o amor eterno.

Em *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005), é possível notar essa construção nas protagonistas Rachel e Darcy. Enquanto Rachel vê o casamento como o símbolo maior da relação entre um casal apaixonado, Darcy o valoriza pelos valores extrínsecos que ele proporciona. Isto fica claro no seu relato em *Presentes da Vida* (2011):

Posso não ter seguido o caminho tradicional para o sucesso, mas conquistei um emprego glamoroso como relações-públicas, um círculo de amizades seletas e um noivo maravilhoso, Dex Thaler. Fiz por merecer o meu apartamento com sacada para o lado oeste do Central Park e o meu anel de diamante na mão esquerda (GIFFIN, 2011 p. 12).

Por serem ficções populares, os *chick lits* não tratam o casamento como o ponto culminante da narrativa. Pelo contrário, o tema é tratado de maneira mais realista, com personagens filhas de pais divorciados, com casamentos fracassados com o passar dos anos, vários relacionamentos da heroína até ela encontrar alguém para casar e, se isso acontecer, a protagonista tem a consciência de que pode não durar para sempre (Harzewski, 2011).

Ou seja, a literatura cor de rosa não critica o casamento propriamente dito, mas duvida do famoso “felizes para sempre”. Mesmo assim, os livros do gênero expressam o desejo da mulher em casar.

---

<sup>7</sup> Este subgênero, muitas vezes chamado “literatura de noiva” ou “literatura de noivazilla” (como são chamadas as noivas que se torna neurótica e obsessiva com os preparativos do casamento), combina satisfação com observações sociais perspicazes sobre a indústria dos casamentos, estimada nos Estados Unidos pela CondéNastBridalGroup em 83 bilhões de dólares anualmente. – Tradução do autor.

Chick lit as a temper of postfeminism seems to express the fact that feminism's gains in the professional arena have not abated the desire for romance<sup>8</sup> (HARZEWSKI, 2011 p. 200).

Rachel e Darcy, as heroínas criadas por Emily Giffin, apesar de bastante diferentes, desejam ter um relacionamento sério e fazer o casamento dar certo. *Em Presentes da Vida* (2011), pode-se observar que as duas tiveram seus finais felizes casadas, com filhos e uma vida profissional consolidada. Giffin fez questão de retratar o pedido de casamento de Darcy como um momento romântico e inesquecível:

Enquanto descansávamos, no alto da montanha, e admirávamos a paisagem, Ethan me deu uma pequena tira de papel tão gasta que parecia veludo. Olhando mais de perto, eu percebi que era o bilhete que eu havia lhe dado no 5º ano. O bilhete com a pergunta “Você quer namorar comigo?” e a alternativa que continha a palavra “Sim” marcada com um lápis vermelho.

- Como foi que você encontrou isso? – eu disse, feliz por ele ter preservado o mais antigo pedaço da nossa história.

- Eu encontrei numa caixa de papéis antigos – disse ele, sorrindo. – Eu achava que tinha devolvido para você, mas nunca o devolvi, não é?

- Não. Você apenas me disse sim no recreio, lembra?

- Acho que sim. Vira o papel.

Eu virei e, do outro lado, vi que ele tinha escrito uma pergunta.

“Você quer casar comigo?”

Olhei para ele, perplexa. Então eu chorei e disse que sim, sim! (GIFFIN, 2011 p. 382).

## Memórias pós-feministas

Harzeski (2011) observa uma conexão entre a vida pessoal das autoras e as personagens dos *chicklits*, entendendo que algumas das experiências retratadas na narrativa foram de fato vividas pela criadora da obra cor de rosa. Ela seria, então, uma história semibiográfica.

Many chick lit novels exhibit overlap between the protagonist's occupation and the career history of their authors and thereby offer figurative reportage acquired from the production of factual reports<sup>9</sup> (HARZEWSKI, 2011 p. 175-176).

Com relação à Emily Giffin, esta afirmativa se concretiza quando é percebida várias semelhanças entre ela e suas heroínas. Assim como Rachel, Giffin era advogada e se sentia

<sup>8</sup>Chick lit como um estilo do pós-feminismo parece expressar o fato de que os ganhos do feminismo na área profissional não abateram o desejo por romance. – Tradução do autor.

<sup>9</sup>Muitos chick lits apresentam uma sobreposição entre a ocupação da protagonista e a história da carreira dos autores, oferecendo assim uma reportagem figurativa adquirida a partir da produção dos fatos reportados. – Tradução do autor.

presa em sua profissão, por trabalhar em um escritório cujo único objetivo lucrar não importa as consequências. Em uma entrevista concedida ao blog americano *conversations with famous writers*, a autora confirmou que suas personagens carregam um pouco de sua essência. À respeito de Rachel, ela contou:

Like Rachel in *Borrowed*, I was a lawyer who was unhappy in the big firm culture. Rachel was generally a rule follower and risk averse until the summer after her thirtieth birthday, and upon turning thirty, I, too, reevaluated my life and decided to make a major change. I quit my legal career, moved to London and began writing full time<sup>10</sup> (CONVERSATIONS WITH FAMOUS WRITERS, 2006).

Sua relação com Darcy foi ainda mais pessoal. Enquanto escrevia *Presentes da Vida* (2011), a autora descobriu estar grávida de gêmeos. Decidiu então que sua criação serviria como um diário no qual seriam depositadas todas as emoções, expectativas e desejos da sua gestação.

As for Darcy in *Blue*, she and I both moved to London at a crossroads in our life, and we both have identical twin sons (the scene with her doctor in London at her first ultrasound was the most autobiographical scene in any of my books)<sup>11</sup> (CONVERSATIONS WITH FAMOUS WRITERS, 2006).

Emily Giffin ainda comentou a relação de amizade entre as protagonistas, afirmando possuir amigas próximas ao perfil de Rachel, pacientes e conselheiras, e outras cujos perfis se assemelham a Darcy – engraçadas e ótimas companheiras para diversão.

### Considerações Finais

É possível perceber que os *chick lits* conseguem se adaptar à nova posição da mulher, que, embora ainda não devidamente valorizada, conquistou algum espaço na sociedade. Foi entendido também que a literatura cor de rosa é uma das expressões do pós-feminismo, mostrando uma mulher mais leve e irônica com a vida, uma mulher que assume a posição de contadora de, muitas vezes, sua própria história. Essa mulher é capaz de assumir uma carreira, cuidar dos filhos e viver um grande amor, simultaneamente, ao contrário do que se via no pré-feminismo, que a mulher vivia em função do homem, e no feminismo, fase na qual ela luta por direitos iguais.

<sup>10</sup> Como Rachel em *O Noivo da Minha Melhor Amiga*, eu era uma advogada que estava infeliz num grande escritório. Rachel era geralmente uma seguidora das regras à risca até o verão depois do seu trigésimo aniversário, e quando chegou aos trinta, eu, também, reavaliei minha vida e decidi fazer a maior mudança. Deixei minha carreira de advogada, mudei para Londres e comecei a escrever o tempo inteiro. – Tradução do autor.

<sup>11</sup> Como Darcy em *Presentes da Vida*, ela e eu estávamos nos mudando para Londres nas encruzilhadas das nossas vidas, e nós duas tivemos gêmeos idênticos (a cena com o médico em Londres em sua primeira ultrassom foi a mais autobiográfica cena em todos os meus livros). – Tradução do autor.

Mesmo com alguns apontamentos, o gênero ainda apresenta algumas ambiguidades na questão do feminismo/pós-feminismo, pois enquanto o feminismo tem como ideais o empoderamento da mulher, o pós-feminismo traz uma leveza maior ao assunto, afirmando que a mulher precisa, antes de tudo, encontrar-se como pessoa para assim lutar por objetivos maiores. É o ser singular para se tornar plural.

## Referências

CARTA CAPITAL. **As Diversas Ondas do Feminismo Acadêmico**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>> Acesso 27 set 2015.

CONVERSATIONS WITH FAMOUS WRITERS. Emily Giffin, **Something Borrowed & Something Blue**. Disponível em: <<http://conversationsfamouswriters.blogspot.com.br/2006/05/emily-giffin-something-borrowed.html>> Acesso 04 nov 2015.

ÉPOCA. **A Nova Luta Das Mulheres**. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bnova-lutab-das-mulheres.html>> Acesso 27 set 2015.

GIFFIN, Emily. **O Noivo da Minha Melhor Amiga**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Presentes da Vida**. São Paulo: Novo Conceito, 2011.

HARZEWSKI, Stephanie. **Chick Lit and Postfeminism**. Estados Unidos: Virginia University, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 2ºed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

M DE MULHER. **Quarta onda feminista: conheça algumas integrantes desta geração de ativistas**. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/claudia/quarta-onda-feminista-conheca-algumas-integrantes-desta-geracao-de-ativistas#5>> Acesso 27 set 2015.

NYE, Andrea. **Teorias Feministas e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>> Acesso 09 out 2015.

SCIELO. **Feminismo e literatura no Brasil**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext)>. Acesso 27 set 2015.

STEFFENS, Juliana. **Lost in Chick Lit**. Disponível em: <http://www.lostinchicklit.com.br/p/o-que-e-chick-lit.html>